

Um estrangeiro no país do futebol: análise da migração de jogadores para o Brasil

A Foreigner in the Land of Football: Analysis of the Migration of Players to Brazil

Un extranjero en el país del fútbol: análisis de la migración de jugadores a Brasil

Jeferson Roberto Rojo¹
João Paulo Melleiro Malagutti²
Paulo Henrique Borges³
Fernando Augusto Starepravo⁴

- ¹ Doutorado em Educação Física. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer (GEPPOL) e professor do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Brasil. Email: jeferson.rojo@hotmail.com
ORCID: 0000-0002-6291-6247
- ² Mestre em Educação Física. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer (GEPPOL) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Brasil. Email: joaopaulomalagutti89@hotmail.com
ORCID: 0000-0002-9906-9758
- ³ Doutorado em Educação Física. Membro do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e Futsal (NUPEDEFF) do Grupo de Estudos e Pesquisas Aplicadas em Futebol (GEPAFUT/UEM). Professor do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, Brasil. Email: paulo.henrique.borges@ufsc.br
ORCID: 0000-0001-5056-9666
- ⁴ Doutorado em Educação Física. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer (GEPPOL) e professor do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Brasil. Email: fastarepravo@uem.br
ORCID: 0000-0002-1655-998X

© Autores.



Esta obra está licenciada sob a licença Creative Commons Atribuição-
NãoComercial-Compartilhável 4.0.

Como referenciar

Rojo, J. R., Malagutti, J. P. M., Borges, P. H., & Starepravo, F. A. (2023). Um Estrangeiro no País do Futebol: Análise da Migração de Jogadores para o Brasil. *Educación Física y Deporte*, 42(2), 153–185. <https://doi.org/10.17533/udea.efyd.e349019>

RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar a migração de atletas estrangeiros para competir no Campeonato Brasileiro de Futebol Série A. Foi concebido um estudo descritivo, que utilizou uma pesquisa documental e compilou dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Os resultados apontam para um aumento gradual no número de jogadores estrangeiros até a temporada de 2014, seguido de uma ligeira queda na temporada posterior e um aumento significativo na temporada de 2016. Observou-se também que o Grêmio foi o clube que mais recebeu estrangeiros, contando com eles em todas as temporadas, exceto a de 2005. A Argentina foi o país com maior número de atletas migrantes no futebol brasileiro. Concluiu-se que o padrão de migração dos estrangeiros no futebol brasileiro é predominantemente continental e que a vinda de muitos sul-americanos para o Brasil pode ser explicada pela busca de oportunidades que ofereçam melhor visibilidade para a carreira e que não estejam distantes de sua origem.

PALAVRAS-CHAVE: competição internacional, futebol brasileiro, jogadores estrangeiros, migração esportiva, padrões de migração, visibilidade profissional.

ABSTRACT

This study analyzes the migration of foreign athletes competing in the Brazilian Serie A Football Championship. A descriptive study was conducted using documentary research and data collected from the Brazilian Football Confederation (CBF). The results indicate a gradual increase in the number of foreign players until the 2014 season, a slight decrease in the following season and a

significant increase in the 2016 season. It was also noted that in all seasons except 2005, Gremio was the club that received and counted on more foreigners. Argentina was the country with the highest number of migrant athletes playing in Brazilian soccer. It was concluded that the pattern of migration of foreigners in Brazilian football is predominantly continental and that the arrival of many South Americans in Brazil can be explained by the fact that they are looking for opportunities that offer better visibility in their career and that are not far from their home.

KEYWORDS: international competition, Brazilian soccer, foreign players, sports migration, migration patterns, professional visibility.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue analizar la migración de deportistas extranjeros para competir en el Campeonato Brasileño de Fútbol Serie A. Se diseñó un estudio descriptivo que utilizó investigación documental y que recolectó datos de la Confederación Brasileña de Fútbol (CBF). Los resultados apuntan a un aumento paulatino del número de jugadores extranjeros hasta la temporada 2014, luego una leve caída en la temporada siguiente y un aumento significativo en la temporada 2016. También se observó que Gremio fue el club que más extranjeros recibió y que contó con ellos en todas las temporadas, excepto en 2005. El país del que procedía el mayor número de deportistas migrantes en el fútbol brasileño fue Argentina. Se concluyó que el patrón migratorio de extranjeros en el fútbol brasileño es predominantemente continental y que la llegada de muchos sudamericanos a Brasil se puede explicar por el hecho de que buscan oportunidades que les ofrezcan una mejor visibilidad en su carrera y que no están lejos de su casa.

PALABRAS CLAVE: competencia internacional, fútbol brasileño, jugadores extranjeros, migración deportiva, patrones migratorios, visibilidad profesional.

INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte coletivo com uma presença arraigada na cultura popular de diferentes países em todo o mundo (Rinaldi, 2000). A Federação Internacional de Futebol (FIFA) estima que atualmente existem cerca de 265 milhões de praticantes da modalidade em todo o mundo, enquanto o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017) projeta a prática do jogo por aproximadamente 15 milhões de brasileiros. A fertilidade de acontecimentos dentro da partida e a imprevisibilidade de comportamentos tático-técnicos (Garganta e Greháigne, 1999) são elementos intrínsecos que captam a atenção de diversos praticantes e espectadores de diferentes faixas etárias e níveis competitivos.

Neste cenário, as equipes brasileiras têm buscado atrair cada vez mais a atenção do seu público consumidor constituindo equipes competitivas. Além disso, os processos de prospecção, formação de jovens talentos nas categorias de base e a contratação de futebolistas oriundos de outros clubes no Brasil e no estrangeiro tornaram-se procedimentos rotineiros nestes clubes (Szeremeta et al., 2015). Nestas situações está implícita a necessidade dos futebolistas migrarem das suas cidades e até dos seus países de origem (Bernadino, 2014).

Os estudos sobre a migração de atletas têm crescido substancialmente ao longo das últimas décadas (Magee e Sugden, 2002; Maguire, 2004; Rojo et al., 2020), principalmente após a década de 1990, muito em virtude dos primeiros esforços teóricos que formularam propostas de quadros conceituais para a pesquisa do fenômeno (Maguire, 1994). Segundo Maguire e Falcous (2010), a área atraiu a atenção de economistas, historiadores, sociólogos, geógrafos, cientistas políticos, entre outros.

As pesquisas sobre a temática foram abordadas sob o ponto de vista das diferentes modalidades, entre elas, basquete, handebol, críquete, atletismo, roqueiro no gelo, beisebol, volei-

bol, etc. (Falcous e Maguire, 2005; Lee, 2010; Orłowski et al., 2018; Rojo, Brasil et al., 2023). No entanto, o futebol é o esporte mais investigado pela literatura internacional (Rojo et al., 2020; Rojo et al., 2022), ao passo que as outras modalidades surgem com menos frequência no interesse dos estudiosos da temática (Elliott e Maguire, 2008).

O futebol é o esporte mais estudado pelos pesquisadores da migração esportiva (Rojo, 2020). Tal situação é justificada pelo fato de que é o futebol é a modalidade esportiva com maior abrangência de aceitação no mundo globalizado (Alvito, 2006). Ele está presente nos mais variados países, e o montante das transações financeiras que envolvem o mercado de jogadores é superior ao da maioria das outras modalidades esportivas. Dessa forma, constata-se um maior número de fluxos migratórios, o que consequentemente desperta um maior interesse acadêmico em estudar o fenômeno.

O futebol também é o esporte mais estudado no Brasil. No entanto, embora existam diversos estudos que analisam a migração de atletas do esporte, eles apresentam uma visão unilateral, tanto por parte de pesquisadores brasileiros (Freitas et al., 2012; Rial, 2008; Ribeiro e Dimeo, 2009), quanto internacionais (Elliott, 2013; Maguire e Pearton, 2000; Magee e Sugden, 2002) que focam sua atenção no êxodo de brasileiros para atuar em ligas futebolísticas em diferentes partes do planeta. A partir de uma revisão exploratória, identificamos uma lacuna importante: a falta de estudos sobre a migração de jogadores para o Brasil.

Nesse sentido, o objetivo geral desse estudo é analisar a migração de atletas estrangeiros para competir no Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A. Como objetivos secundários, buscou-se realizar um levantamento do número de atletas por temporada, verificar seus países de origem, e os clubes que os receberam.

O Brasil e o futebol

O futebol, uma modalidade esportiva originada na Inglaterra no século XIX, tem uma longa ligação com o Brasil. De acordo com Caldas (1986, 1994), embora reconhecido por sua própria população como “país do futebol”, o Brasil assumiu tal imagem mundialmente apenas após a conquista do primeiro título mundial de futebol masculino, em 1958, na Suécia.

Mas, como o Brasil se tornou o “país do futebol”? A resposta parece tentadoramente fácil. Importado da Europa pelas elites urbanas em meados dos anos 1890, logo nas primeiras décadas do século XX o jogo cai nas graças do povo, que a partir daí estabelece com a bola uma ligação profunda e produtiva a ponto de caracterizá-lo como um produto nacional. (Franzini, 2000, p. 8)

Anteriormente à conquista do primeiro título mundial da modalidade, durante a década de 1930 o futebol no Brasil foi estabelecido como uma expressão da nacionalidade brasileira, baseados em um contexto particular se comparado a outras realidades sociais (Damatta, 2006; Filho, 2003; Freyre, 1936; Lopes, 1994; Rego, 2013). Basicamente, o futebol, neste momento histórico da sociedade brasileira, apresentava características peculiares, uma vez que, qualidades como talento individual, improvisação do jogador em campo e a exuberância do jogo, eram assimiladas no processo de formação da identidade nacional e perceptíveis nos constantes movimentos sociais apresentados em um período de crescente ascensão de camadas populares (Capraro, 2007, 2010; Franco Júnior, 2013).

O futebol teria, numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parapsicológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa

gente —pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa— de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol —ou de algum equivalente de futebol— na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio. (Freyre, 1947, pp. 24-25)

Nesse cenário, nota-se a forte ligação entre a prática do futebol e a sociedade brasileira. A Copa do Mundo de futebol masculino, organizada e realizada no Brasil, decretou finalmente tal aproximação entre a modalidade esportiva e a apropriação como um produto nacional, carregando internacionalmente para o futuro sua caracterização como “País do Futebol” (Franzini, 2000; Gastaldo, 2009; Helal, 2011; Helal e Gordon Junior, 2001; Santos, 2004, 2005; Soares, 2001). Porém, após décadas de transformações em seu modo de jogo e a readequação mundial de sua prática, ainda permanecem dúvidas sobre o que justificaria essa expressão cunhada.

Não está mesmo claro se a expressão significa país onde o futebol é mais praticado, ou mais apreciado, ou mais bem compreendido, ou mais bem jogado, ou que produz os maiores futebolistas, ou que mais vende. Ou todas essas coisas a um só tempo. A dificuldade em decidir não reside apenas no olhar nacional a respeito, inevitavelmente viciado. (Franco Júnior, 2013, p. 49)

Sendo o Brasil popularmente denominado o “país do futebol”, mesmo apresentando situações em que tal característica pode ser colocada em questionamento, é evidente e natural que a pesquisa acadêmica sobre a migração no Brasil e o futebol seja objeto de estudo.

Futebol, migração e seus padrões

O futebol pode ser considerado o esporte de maior influência no mundo, pois, a partir da década de 90, as modificações internas na legislação brasileira serviram como estímulo à transferência de jogadores entre clubes de diferentes partes do Brasil e do exterior, elevando as movimentações financeiras decorrentes de tais fluxos (Rial, 2008). No entanto, não é necessariamente lucrativo e agradável para todos os envolvidos nas negociações (Conn, 1997).

O mercado de jogadores está incluído no comércio mencionado por Conn (1997). Nesse sentido, a partir do movimento desse mercado, surgem negociações pautadas na ideia de um futebol globalizado, que constituem o fenômeno da migração de atletas (Poli e Besson, 2011). No entanto, há autores que afirmam que a migração no futebol é tão antiga quanto o próprio jogo (Taylor, 2006).

A priori pode-se argumentar que a própria difusão dos esportes está relacionada às migrações das populações. A própria inserção do futebol no Brasil está associada às populações migrantes europeias que aqui se estabeleceram (Rodrigues, 2004). Embora outras manifestações da modalidade tenham sido diagnosticadas, a inserção e difusão por meio da comunidade migrante inglesa, com papel central de Charles Miller, foi marcadamente reconhecida (Castro e Cadete, 2019).

Além da ligação entre a migração e a difusão do futebol, há uma constatação da participação de atletas migrantes nas competições mundiais desde os primeiros registros (Campenhout et al., 2018, 2019; Taylor, 2006). Apesar de a migração ter sido percebida nesses períodos, com as transformações sociais também geram mudanças nas migrações relacionadas ao esporte, especialmente ao futebol.

A movimentação dos jogadores de futebol por motivações e influências distintas tem se dado de maneira globalizada nos

últimos anos. No que se refere às pesquisas sobre a migração esportiva no futebol, observa-se estudos sobre jogadores africanos que vão para a Europa (Poli, 2006) e sobre jogadores brasileiros que vão para diversos países do mundo (Rial, 2008; Ribeiro e Dimeo, 2009).

Nesse sentido, observa-se que, nos padrões de movimentação dos trabalhadores do futebol, especificamente dos jogadores, as rotas migratórias são multilaterais, com idas e vindas em diversas direções ao redor do globo. Entretanto, há uma direção predominante nesse mercado: as origens são diversas, mas o destino são principalmente os países da Europa, onde se concentram as maiores ligas de futebol do mundo (Egilsson e Dolles, 2017; Magee e Sugden, 2002; Maguire e Stead, 1998; Poli, 2006, 2007; Ribeiro e Dimeo, 2009).

A busca por modelos analíticos que objetivam uma análise ampliada e multifatorial do fenômeno da migração esportiva é constante. Dentre as opções, o presente estudo, optou por utilizar o modelo analítico da migração esportiva, pautado nas dimensões que influenciam o processo migratório, desenvolvido por Rojo (2020) e Rojo, Souza et al. (2023). A proposta parte da compreensão apresentada por Bourdieu e Wacquant (2000), segundo a qual é necessário compreender como se deu o processo de migração dos indivíduos migrantes para iniciar as discussões. Além disso, é importante compreender a escolha do Brasil como destino.

Ao adaptar a proposta de leitura sociológica de Giddens (1991), em que o autor analisa fenômenos a partir de dimensões, Rojo (2020) propõe uma leitura da migração esportiva a partir de quatro dimensões:

1. Dimensão cultural: busca compreender se a cultura esportiva do país influencia no desenvolvimento de talentos esportivos, gerando excedentes e forçando, conseqüentemente, a migração.

2. Dimensão política: analisa as regulamentações e regulamentação para a participação de estrangeiros em competições, tanto de natureza estatal quanto institucional esportiva.
3. Dimensão econômica: parte da identificação das condições socioeconômicas dos países envolvidos, e analisa se a desigualdade entre eles são um fator preponderante para que o atleta migrante deixe a inércia.
4. Dimensão pessoal: refere-se às escolhas e contatos vinculados do indivíduo migrante.

MÉTODOS

Maguire (2013) remonta o início da vertente dos estudos sociais dentro do esporte, que se refere às pesquisas sobre migração esportiva, à década de 1980. Entretanto, Carter (2013) aponta que os estudos sobre a temática ainda precisam ser qualificados. A mesma discussão é fomentada por Magee e Sugden (2002) e Maguire (2004), que apontam para a necessidade de melhora dos recursos investigativos utilizados nessas pesquisas. Para os autores de ambos os lados do diálogo, é necessário usar fontes empíricas primárias para as análises posteriores.

A pesquisa sobre migração esportiva se enquadra na área de estudos da sociologia do esporte. De acordo com Maguire (2014, 2016), apesar de fundamentada nessa área, abrange pesquisas em várias disciplinas das ciências humanas e sociais. É o caso da História, da Ciência Política, da Geografia Social, da Antropologia, da Psicologia Social e da Economia.

No que diz respeito às classificações das metodologias de pesquisa, observa-se que uma série delas é utilizada na sociologia do esporte, sendo frequentemente caracterizada como quantitativas ou qualitativas (Maguire, 2016). Para o presente estudo, compreende-se que as análises são majoritariamente quantitativas. No entanto, com o objetivo de fortalecer o aporte de

informações e dados, ambos os métodos foram usados. A esse respeito, Gratton e Jones (2010) afirmam que a utilização complementar de métodos qualitativos e quantitativos seja capaz de produzir um resultado que pode destacar as contribuições significativas de ambos.

O nível de pesquisa compreendido neste estudo é classificado como explicativo (Gil, 2008; Gratton e Jones, 2010). Esse tipo de pesquisa é caracterizado pela preocupação central em identificar os fatores que determinam ou colaboram para o acontecimento dos fenômenos, avaliando as relações causais entre as variáveis (Gil, 2008; Gratton e Jones, 2010). Para Gratton e Jones (2010), a pesquisa explicativa é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois analisa o porquê das coisas. Ainda na caracterização da pesquisa explicativa, Gil (2008) salienta que essas pesquisas necessitam de algum tipo de arcabouço teórico para que a explicação possa ser deduzida dos dados.

Quanto à classificação das pesquisas como teórica e empírica, a pesquisa teórica geralmente se baseia em resultados de trabalhos já publicados para desenvolver novos conhecimentos, enquanto a empírica apropria-se da coleta de dados (Gratton e Jones, 2010). Nesse sentido, indica-se que o presente estudo se refere a uma pesquisa empírica.

Estabelecidas as classificações ou o detalhamento de como se configura o estudo aqui realizado, o próximo passo é compreender o delineamento da pesquisa, ou seja, os métodos e instrumentos utilizados para a coleta de dados. A técnica de pesquisa utilizada foi a pesquisa documental. De acordo com Gil (2008), esse tipo de pesquisa tem por característica a utilização de fontes primárias, ou seja, documentos que ainda não receberam tratamento científico. Os dados obtidos por meio da pesquisa documental, mesmo que sejam informações referentes aos indivíduos ou atores sociais, não são coletados diretamente com os participantes da pesquisa.

As coletas são realizadas em materiais que assumem a forma de documentos, como livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos, filmes e vídeos, entre outros (Gil, 2008). Quanto à pesquisa científica, as fontes utilizadas na pesquisa documental não se restringem apenas aos “escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno” (Gil, 2008, p. 147).

De acordo com Gil (2008), as fontes de documentação podem ser classificadas em quatro tipos diferentes: registros estatísticos, registros institucionais escritos, documentos pessoais e comunicação de massa. No presente estudo, utilizou-se de duas dessas fontes, que serão detalhadas a seguir. Os registros institucionais escritos podem ser encontrados na forma de documentos governamentais, como projetos de lei, decretos, atas, sentenças e registros. Entre os documentos não governamentais, estão relatórios, atas, normativas, registros, entre outros (Gil, 2008). Foram utilizados então documentos não governamentais, que se materializam no formato de registros da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) sobre a presença de atletas estrangeiros no Campeonato Brasileiro.

Também foram utilizadas fontes de documentação de comunicação de massa, como arquivos no formato de jornais, revistas, rádios, televisão e sites (Gil, 2008), além de reportagens publicadas em sites de notícias esportivas, principalmente sobre à atuação dos atletas estrangeiros no Brasil. Os documentos elencados anteriormente visavam fornecer elementos para análises sobre o padrão de migração desses atletas. Buscou-se também as normativas que regem a atividade desses indivíduos no território brasileiro.

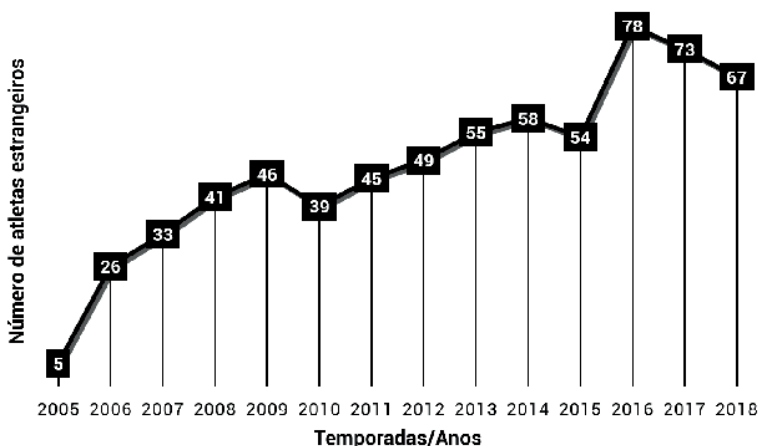
O estudo apresenta um recorte temporal que engloba algumas das temporadas do campeonato. Ou seja, os dados aqui apresentados abrangem o período de 2005 a 2018, totalizando 14 temporadas da competição. Os dados contidos no relatório

foram transferidos para a planilha do pacote Microsoft Excel, onde foram tratados para gerar as informações necessárias para as análises deste estudo. É importante destacar que o número de jogadores é a soma do volume de cada temporada. Ou seja, um mesmo atleta pode ter participado de mais de uma temporada e de mais de uma equipe.

RESULTADOS

Nessa seção, são apresentados os resultados encontrados a partir da coleta de dados. Para isso, os dados são divididos em alguns tópicos como o número de atletas estrangeiros por temporada, os países de origem desses atletas, os clubes aos quais se destinaram e o número de temporadas que estes permaneceram no país. Inicialmente, é apresentada uma distribuição do número de jogadores estrangeiros (gráfico 1) que atuaram na competição nacional por temporada.

Gráfico 1. Número de atletas migrantes



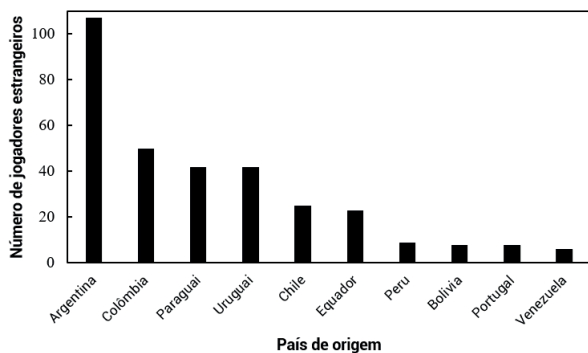
Fonte: elaboração própria.

Ao observar o gráfico dos jogadores estrangeiros que migraram para o Brasil entre as temporadas de 2005 e 2018 —recorte temporal da presente pesquisa— nota-se um aumento na presença desses atletas. O menor número de transações de mercado ocorreu em 2005. Posteriormente, entre 2006 e 2010, houve um aumento significativo. Percebe-se que o número de transações continuou oscilando, até atingir o ápice em 2016, com 78 registros de chegadas de jogadores estrangeiros à série A.

Tal aumento do número de estrangeiros entre as temporadas de 2013 e 2014 deve-se à ampliação dos processos de análise e identificação de potenciais talentos em outros países da América do Sul, além da Argentina e do Uruguai, que até então eram os principais fornecedores de atletas para os clubes brasileiros (Leister Filho e Oliveira, 2020).

Considerando os dados que evidenciam o aumento no número de migrações, insere-se o Brasil se destaca como ponto geográfico de recepção dessa movimentação, consolidando-se não somente como um país doador de talentos, mas também como um polo de intersecção dessa teia de inter-relação do esporte global. Diante disso, analisou-se a origem dos jogadores estrangeiros que migraram para o futebol brasileiro (gráfico 2).

Gráfico 2. Número de jogadores estrangeiros que participaram dos campeonatos brasileiros de futebol de 2005 a 2018, separados por país de origem

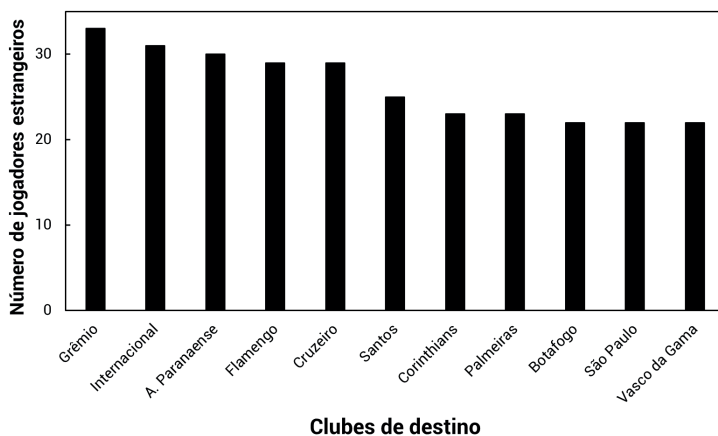


Fonte: elaboração própria.

Após as análises, percebe-se um grande número de jogadores vindos dos países mais próximos do Brasil. A Argentina (107) está isolada com o maior número de atletas nesse gráfico, seguida pela Colômbia (50), pelo Paraguai e pelo Uruguai com o mesmo número de atletas (42). Considerando-se os países que mais cederam atletas para clubes brasileiros nas últimas temporadas, nota-se que existem nações com menor status no cenário do futebol mundial que também forneceram atletas para o Brasil, como a China, que teve a presença de um jogador ao longo das temporadas analisadas.

Quanto ao destino desses jogadores estrangeiros no campeonato brasileiro de futebol, o gráfico 3 apresenta, em números, os clubes que mais os receberam durante todas as temporadas analisadas.

Gráfico 3. Clubes de destino



Fonte: elaboração própria.

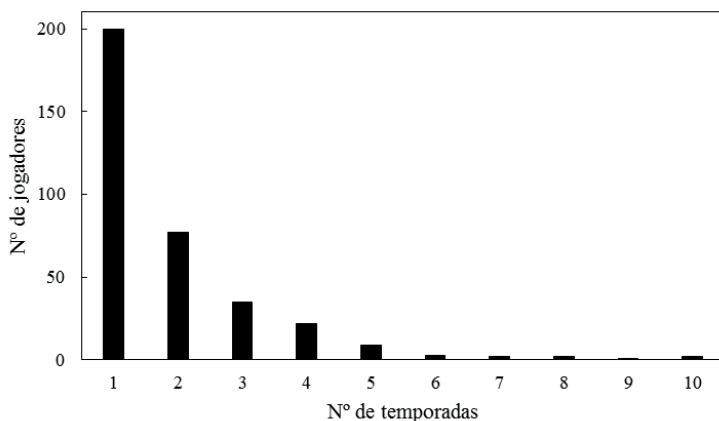
Este gráfico mostra os clubes de destino desses jogadores. Observa-se um número equilibrado de atletas migrantes entre equipes de várias regiões do país, sendo a região Sul a que apresenta um percentual maior, mais especificamente com o estado

do Rio Grande do Sul, onde o Grêmio apresenta o maior número de atletas recebidos, seguido pelo Internacional, e logo após pelo Atlético Paranaense, também da região Sul. Times do Rio de Janeiro e de São Paulo também apresentam um número significativo de jogadores estrangeiros que passaram por lá durante alguma temporada ao longo desses anos.

Ao analisar a localização geográfica dos clubes, é evidente que a sede daqueles que mais receberam atletas está próxima aos países de origem dos jogadores. Alguns fatores podem justificar esse ocorrido, como a facilidade de acesso a esses clubes e o fato de estarem mais próximos de sua cidade natal, não ficando tão distantes da família, amigos e sua cultura.

Uma última categoria para análise é a quantidade de temporadas em que os jogadores permaneceram no país, apresentada no gráfico 4.

Gráfico 4. Número de temporadas dos jogadores



Fonte: elaboração própria.

Neste último gráfico, apresenta-se o número de temporadas em que um jogador permaneceu no Brasil. De acordo com as 14 temporadas analisadas, pode-se perceber que 200 atletas (56,70 %) permaneceram somente uma temporada no país, 77

(21,80 %) atuaram por duas temporadas, 35 (9,90 %) por três temporadas e, ao longo do tempo, esse número foi diminuindo e, conseqüentemente, poucos jogadores permaneceram por quatro ou mais temporadas nos clubes brasileiros.

Durante as últimas temporadas do futebol brasileiro, observou-se que a maioria dos atletas que passaram pelo país o fizeram de passagem, sendo que alguns deles não eram muito conhecidos no cenário futebolístico, o que possivelmente justifica a vontade do jogador de elevar sua visibilidade. No entanto, a existência de outro fator também pode justificar essas passagens curtas de jogadores no Brasil. No mundo do futebol, é muito comum a chamada “transferência ponte”. Segundo o UOL (2016), esse termo se aplica a qualquer transferência que envolva o registro do atleta em um clube intermediário sem finalidade desportiva, onde o clube visa obter vantagem, direta ou indireta, por quaisquer dos clubes envolvidos, do atleta ou de terceiros.

DISCUSSÕES

Como evidenciado nos dados, o crescimento no número de estrangeiros no futebol brasileiro é expressivo. De acordo com Poli e Besson (2011), esse fenômeno pode ser consequência do trabalho globalizado no esporte, o que aumenta o número e a dinâmica das migrações dos trabalhadores do futebol. Corroborando com o autor, o comentarista televisivo e ex-jogador profissional de futebol Éder Aleixo afirma que esse significativo aumento das migrações ocorre porque o futebol no Brasil está em baixa, pois não se vê mais uma diversificação de bons jogadores nas equipes do país, que muitas vezes procuram soluções em países vizinhos que muitas vezes apresentam boas opções de jogadores em relação ao mercado brasileiro (Esporte Interativo, 2016).

Nesse sentido, apropriando-se também dos dados da literatura acadêmica anteriormente analisada, entende-se que, quan-

to mais avançado o processo de globalização da modalidade, maior o número de deslocamentos de indivíduos. Assim, observa-se o aumento da migração de atletas do futebol (Poli e Besson, 2011; Rial, 2008), no basquete (Chiba, 2013; Crossan, 2017), do voleibol (Pontes et al., 2018), e do atletismo e das corridas de rua (Njororai, 2012; Nunes e Rocha, 2019).

No entanto, esse é um cenário no qual o Brasil geralmente figura como o país doador, diferente do cenário aqui analisado, no qual é popularmente considerado como “o país do futebol”. A partir dessa compreensão, entende-se o fluxo já bem analisado pela literatura, uma vez que o país enviou diversos jogadores, tidos como craques, para as grandes ligas europeias. Como mostra a mídia, as estrelas do país não permanecem por muito tempo no futebol nacional; logo, recebem propostas europeias e não desperdiçam a oportunidade, o que resulta na baixa qualidade do futebol brasileiro, e leva os clubes a optarem por jogadores estrangeiros.

Comparando a realidade nacional com o cenário futebolístico chinês, a introdução de jogadores estrangeiros é justificada pela busca de uma melhora do nível técnico do futebol local (Schatz, 2020). Ainda no cenário chinês, é possível relacionar o momento do futebol e seu processo de expansão com alguns conteúdos apresentados por Ravel (1998), destacando três formas básicas de difusão do esporte: por transplante, por relação ou por imitação.

- Por transplante: destaca-se o processo de origem da prática esportiva e a criação de clubes com sua prática em outros países.
- Por relação: é especificada de acordo com a troca cultural entre os praticantes e os estrangeiros.
- Por imitação: pessoas de diferentes países aderiram ao esporte depois de presenciarem sua prática entre os criadores originais (Ravel, 1998).

De acordo com Schatz (2020), no cenário chinês “as atuações de jogadores estrangeiros permitiram que os clubes e atletas chineses tivessem a possibilidade de aprender pela imitação e pela prática” (p. 15).

Ao comparar com um estudo semelhante, nota-se que a realidade de deslocamento geográfico não é parecida com a encontrada no presente estudo, ou seja, os dados referentes ao futebol brasileiro (Poli, 2007). O estudo realizado na Inglaterra aponta que a maioria dos atletas que migraram para o país ao longo das temporadas são de outros continentes, especialmente da América do Sul e da África. Segundo o autor, a liberação progressiva da circulação de desportistas facilitou o processo. No entanto, ao analisar as origens dos atletas, os dados se assemelham, pois os países da América do Sul também são os mais recrutados.

Nesse sentido, observa-se que as grandes ligas europeias são o objetivo de muitos jogadores de futebol, por isso futebolistas de todo o planeta almejam migrar para o continente, incluindo sul-americanos, africanos, asiáticos etc. No entanto, no caso do Brasil, a maioria dos jogadores que se deslocam para o campeonato local são predominantemente de países vizinhos, o que pode ser explicado pela proximidade geográfica e pelas semelhanças culturais. Assim, o país se torna uma vitrine para as grandes ligas europeias.

O estudo de Bond et al. (2018) evidencia esse papel do Brasil. Para os autores, o país exerce influência no mercado mundial do futebol, atuando tanto como vendedor de talentos esportivos quanto como comprador. Por meio de análises, os autores apontam que o Brasil ocupa um papel estrutural, atuando como intermediário entre os países classificados como núcleos e os pertencentes às posições de semiperiferia e periferia, sob uma visão sistêmica da economia global (Bond et al., 2018). Em outras palavras, o Brasil seria a ponte para o acesso a outros mercados do futebol.

No entanto, para compreender possíveis justificativas para a formação do processo migratório, é necessário levar em consideração a influência de diversos fatores (Rojo, 2020). Dentre eles, estão as leis e regulamentações que permitem o trabalho esportivo no país, tanto no âmbito estatal quanto no das representações esportivas, as condições socioeconômicas dos países, a cultura esportiva e a capacidade de produção de talento esportivo.

O primeiro ponto a ser analisado é em relação a cultura esportiva e a capacidade de produção de talentos na modalidade. Nesse sentido, o Brasil é considerado “o país do futebol”, ou, nas palavras de Júnior (2013), o país de grandes futebolistas. Diversos jogadores considerados os melhores do mundo saíram daqui, e muitos desses assinando contratos milionários. Os jogadores de futebol brasileiros ocupam uma parte significativa do mercado globalmente conhecido, no qual se concentram os principais jogadores e clubes (Rial, 2008).

Em 2019, o Brasil ocupava a terceira colocação no ranking mundial de países no futebol da FIFA, enquanto os países que cederam jogadores ao campeonato brasileiro apareciam em posições inferiores. O primeiro deles é a Argentina, na 9ª posição, seguida pela Colômbia, na 10ª. O Paraguai aparece apenas na 40ª posição (FIFA, 2019).

Compreende-se, então, que nas propostas de análise de Crossan (2013), o futebol é um esporte primário no Brasil, sendo o país uma nação semiperiférica. Classificação à qual também se enquadram os países de origem dos futebolistas estrangeiros. Em síntese, o número de brasileiros que deixam o país para atuar no exterior é maior que o número de estrangeiros que entram no Brasil. Isso se deve ao fato de o Brasil ter no futebol seu esporte primário e ser um grande produtor de talentos na modalidade (Barbosa, 2007).

Outro aspecto que pode facilitar ou restringir o acesso e a participação de jogadores estrangeiros nos campeonatos nacionais é a política adotada pelo país. No Brasil, por exemplo, o Estado promulgou a Lei n.º 9.615/98, mais conhecida como Lei

Pelé, que, segundo Rial (2008), é uma forma muito semelhante à Lei de Bosman. A Lei Pelé flexibilizou a relação do jogador, tornando-o um trabalhador com direito de escolha em relação ao exercício de sua força de trabalho (Rial, 2008).

O caso de Bosman é um dos mais conhecidos no meio jornalístico e acadêmico. Ele envolve um jogador que recorreu à justiça para ser liberado para atuar em outro time. A situação foi a base para o acordo assinado em 1995, que permitiu que jogadores atuassem em outros países dentro da Europa (Binder e Findlay, 2012; Madichie, 2009). Diante da repercussão do caso, estudos foram realizados para analisar suas implicações (Madichie, 2009) e seus efeitos (Binder e Findlay, 2012) gerados a partir da implementação da lei.

No entanto, não apenas o Estado atua na regulação do setor esportivo, sendo que as organizações de representação da modalidade também estabelecem suas próprias regras e regulamentações para a presença de jogadores estrangeiros em seus eventos. No caso do Campeonato Brasileiro, esse papel é desempenhado pela CBF. Nesse sentido, a regulação não limita a contratação e inscrição de estrangeiros na competição.

Entretanto, há o estabelecimento de cotas de escalação para partidas isoladas. Inicialmente, era permitida a escalação de, no máximo, três estrangeiros por partida. Com a expansão do número de atletas estrangeiros registrados nos clubes de futebol, no entanto, a entidade aumentou o limite de atletas estrangeiros participantes das partidas das competições nacionais de três para cinco (CBF, 2012, 2013; Lance, 2020; Leister Filho e Oliveira, 2020).

Analisadas as questões regulatórias para a presença dos jogadores estrangeiros no Brasil, também é importante considerar os aspectos socioeconômicos dos países, sendo que o cenário investigado revela uma proximidade entre os dados. Para essa análise, foi utilizada a noção de desequilíbrio econômico entre os Estados-nações envolvidos no fenômeno migratório (Dorigo e Tobler, 1983; Giddens, 2008). Para essa leitura, assume-se que

os países são partes de um sistema mundial no qual são classificados de acordo com seu status socioeconômico (Chepyator-Thomson e Ariyo, 2016; Giddens, 1991).

Nesse ponto, as análises foram realizadas a partir do uso de indicadores socioeconômicos. Esses indicadores podem ser utilizados em estudos acadêmicos, como é o caso aqui. “Para a pesquisa acadêmica, o indicador social é, pois, o elo entre os modelos explicativos da teoria social e a evidência empírica dos fenômenos sociais observados” (Jannuzzi, 2002, p. 55). Nesse comparativo, utilizaram-se o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o Produto Interno Bruto (PIB), por Paridade do Poder de Compra (PPC) e a Linha Nacional da Pobreza (LNP).

Os dados referentes ao IDH mostram que ambos os países obtiveram uma melhora no indicador nos entre os anos de 2005 e 2017. Nos últimos anos, Argentina e Uruguai apresentaram nível de desenvolvimento muito elevado (0,82 e 0,8), enquanto Brasil, Colômbia e Paraguai apresentaram nível elevado (0,75; 0,74; 0,7).

O cenário apresentado pelo PIB-PPC é semelhante, e observa-se, além do avanço registrado no recorte temporal, que Argentina e Uruguai se destacam, com valores acima de 20 mil dólares anuais nos últimos anos. Já o Brasil aparece com valores próximos a 15 mil dólares por ano, seguido pela Colômbia e pelo Paraguai. Por fim, analisar a população abaixo da linha da pobreza internacional demonstra que os indicadores também melhoraram nesse aspecto durante o período da pesquisa. No entanto, nessa questão, o Brasil é o país que apresenta os piores indicadores, com 4,4 % da população vivendo abaixo da linha da pobreza internacional, o que significa que dispõem de menos de 1,90 dólares ao dia para sobrevivência.

Como pode ser observado a partir dos dados socioeconômicos, em um nível macrossocial, esse fator não pode ser considerado o único de atração dos jogadores estrangeiros, uma vez que dois dos países que mais enviaram atletas possuem indicadores melhores que o Brasil. No entanto, quando se analisa a

relação econômica dentro do contexto do futebol, percebe-se que o cenário brasileiro se sobressai frente às nações vizinhas.

De acordo com Gonçalves (2013) o mercado brasileiro do futebol era o sexto maior do mundo em geração de receitas, ficando atrás apenas das grandes ligas europeias. Em 2018, a CBF realizou um estudo sobre o impacto do futebol na economia nacional. Além de outros achados, constatou-se que, dentre os mercados mundiais, o futebol brasileiro ainda só perde para o europeu (CBF e EY, s.d.). O relatório mostra que o futebol brasileiro movimentou 52,9 bilhões de reais durante o ano. Além disso, o número atletas profissionais registrados superou 88 mil, sendo que 162 eram estrangeiros. Já em relação aos jogadores brasileiros atuando no exterior, esse número era de 4.700 (CBF e EY, s.d.).

Ao analisar os aspectos relativos à popularidade e ao status do futebol entre os países, bem como as questões de políticas migratórias e econômicas, evidencia-se que não há um elemento único que justifique o processo migratório para o Brasil. Em relação ao status do futebol, tanto nos países que mais cederam atletas quanto no Brasil, a modalidade é considerada a mais popular entre as populares. No entanto, no que se refere a visão internacional do futebol, o Brasil apresenta-se melhor posicionado no status mundial.

Quanto às políticas migratórias, observou-se que não há uma política de restrição à entrada desses atores por parte do Estado. Quando se analisa a regulamentação institucional, observa-se que não há restrições para a contratação de estrangeiros, sendo permitida apenas cotas para escalação em jogos. Esse fato também que foi flexibilizado durante o recorte temporal, passando de uma limitação de três para cinco jogadores estrangeiros por partida.

Por fim, quando se abordam as questões econômicas constata-se que as questões macroeconômicas dos países não se revelam como diferencial, uma vez que dois países que mais cederam jogadores, segundo os indicadores, apresentam con-

dições melhores que as do Brasil. Porém, quando se olha para a economia no contexto do futebol, o Brasil se apresenta com uma posição mais favorável dentro do sistema esportivo mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de analisar a migração de atletas estrangeiros para competir no Campeonato Brasileiro de Futebol Série A, os resultados apresentaram que houve um aumento significativo no número de atletas estrangeiros que migraram para o futebol brasileiro durante todas as temporadas do campeonato, exceto em 2015. Os clubes que mais receberam esses jogadores foram Grêmio, Internacional e Atlético Paranaense, sendo que o Grêmio contou com os estrangeiros em todas as temporadas do campeonato, exceto em 2005. Observou-se também que a Argentina foi o maior doador de jogadores estrangeiros para o Brasil, seguida por Colômbia, Paraguai e Uruguai.

Essas informações revelam que o padrão de migração de jogadores para o Campeonato Brasileiro de Futebol Série A é majoritariamente continental, ou seja, os migrantes são originários do continente americano. Também é possível compreender também que a utilização de jogadores estrangeiros aumenta no início e ao longo de uma nova temporada. É importante ressaltar que o atual estudo apresenta algumas limitações, pois alguns pontos, como as equipes pelas quais competiram e seu destino após saírem do futebol brasileiro, entre outras informações relevantes, podem ser considerados em estudos futuros sobre a migração no futebol brasileiro.

Por fim, uma consideração que possivelmente contribuiria para a ampliação dos estudos relacionados à migração de jogadores é a realização de um estudo um pouco mais avançado, incluindo entrevistas e questionários para analisar a vida destes jogadores fora de seu país, visando incluir na pesquisa elementos concretos que revelem as condições em que se encontram e quais são seus objetivos como migrantes no mundo do futebol.

Os jogadores de futebol, em geral, ocupam uma parcela econômica e numérica significativa, e essa circulação, com um mercado globalmente conhecido, cria núcleos importantes, onde se concentram os principais jogadores e os principais clubes (Rial, 2008).

REFERENCIAS

1. Alvito, M. (2006). «A parte que te cabe neste latifúndio»: o futebol brasileiro e a globalização. *Análise Social*, 41(179), 451-474. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2006179.08>
2. Barbosa, A. M. E. S. (2007). O futebol e a sociedade global: uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. *Sociedade e Cultura*, 10(2), 173-186. <https://doi.org/10.5216/sec.v10i2.3139>
3. Bernadino, H. S. (2014). O talento no futebol brasileiro: procedência e destino dos atletas. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 19(193), 1-4. <https://efdeportes.com/efd193/o-talento-no-futebol-brasileiro-procedencia-e-destino.htm>
4. Binder, J. J., & Findlay, M. (2012). The Effects of the Bosman Ruling on National and Club Teams in Europe. *Journal of Sports Economics*, 13(2), 107-129. <https://doi.org/10.1177/1527002511400278>
5. Bond, A. J., Widdop, P., & Chadwick, S. (2018). Football's Emerging Market Trade Network: Ego Network Approach to World Systems Theory. *Managing Sport and Leisure*, 23(1-2), 70-91. <https://doi.org/10.1080/23750472.2018.1481765>
6. Bourdieu, P., & Wacquant, L. (2000). The Organic Ethnologist of Algerian Migration. *Ethnography*, 1(2), 173-182. <https://doi.org/10.1177/14661380022230723>
7. Caldas, W. (1986). O futebol no país do futebol. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 3(2), 24-30. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451986000300005>
8. Caldas, W. (1994). Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP*, (22), 40-49. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p40-49>

9. Campenhout, G., van Sterkenburg, J., & Oonk, G. (2018). Who Counts as a Migrant Footballer? A Critical Reflection and Alternative Approach to Migrant Football Players on National Teams at the World Cup, 1930-2018. *The International Journal of the History of Sport*, 35(11), 1071-1090. <https://doi.org/10.1080/09523367.2019.1581769>
10. Campenhout, G., van Sterkenburg, J., & Oonk, G. (2019). Has the World Cup become more Migratory? A Comparative History of Foreign-Born Players in National Football Teams, c. 1930-2018. *Comparative Migration Studies*, 7(1), 1-19. <https://doi.org/10.1186/s40878-019-0118-6>
11. Capraro, A. M. (2007). *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná]. <https://hdl.handle.net/1884/80244>
12. Capraro, A. M. (2010). Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. *Motriz: Revista de Educação Física*, 16(4), 1061. <https://www.scielo.br/j/motriz/a/WvSnnBWCTPyrPkMFgLyNGmd/?format=pdf>
13. Carter, T. F. (2013). Re-Placing Sport Migrants: Moving beyond the Institutional Structures Informing International Sport Migration. *International Review for the Sociology of Sport*, 48(1), 66-82. <https://doi.org/10.1177/1012690211429211>
14. Castro, C. M., & Cadete, M. M. M. (2019). Da origem e história do futebol no Brasil ao futebol amador em comunidade de vulnerabilidade social: uma incursão na literatura. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*. <https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/04/origem-futebol-brasil.html>
15. Chepyator-Thomson, J. R., & Ariyo, E. S. (2016). Out of Eastern Africa: An Examination of Sport Labour Migration in the Post-Independence Era. *The International Journal of the History of Sport*, 33(15), 1826-1846. <https://doi.org/10.1080/09523367.2017.1315941>
16. Chiba, N. (2013). Migratory Motivations of American Professional Basketball Players in Japan, Spain, and Australia. *Asia Pacific Journal of Sport and Social Science*, 2(2), 104-116. <https://doi.org/10.1080/21640599.2013.830389>

17. Confederação Brasileira de Futebol. (2012). *Regulamento Geral das Competições: Edição 2013*. <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201212/1550939987>
18. Confederação Brasileira de Futebol. (2013). *Regulamento Geral das Competições: Edição 2014*. <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201312/1485364923.pdf>
19. Confederação Brasileira de Futebol, & EY. (s.d.). *Impacto do Futebol Brasileiro*. <https://doi.org/10.5281/zenodo.4587228>
20. Conn, D. (1997). *The Football Business: Fair Game in the '90s?* Mainstream Publishing Co.
21. Crossan, W. M. (2013). *Sporting Immigrants and Their Effect on Sport Growth and Popularity in a Culture: A Case Study in Czech Basketball* [Tese de doutorado, Charles University]. <http://hdl.handle.net/20.500.11956/61102>
22. Crossan, W. (2017). Representation of Sporting Migrants: Primary Versus Secondary. *European Journal for Sport and Society*, 14(1), 5-25. <https://doi.org/10.1080/16138171.2017.1284378>
23. Da Matta, R. (2006). *A Bola Corre Mais que os Homens: Duas Copas, Treze Crônicas e Três Ensaios sobre Futebol*. Rocco.
24. Dorigo, G., & Tobler, W. (1983). Push-Pull Migration Laws. *Annals of the Association of American Geographers*, 73(1), 1-17. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1983.tb01392.x>
25. Egilsson, B., & Dolles, H. (2017). "From Heroes to Zeros". Self-Initiated Expatriation of Talented Young Footballers. *Journal of Global Mobility*, 5(2), 174-193. <https://doi.org/10.1108/JGM-10-2016-0058>
26. Elliott, R. (2013). New Europe, New Chances? The Migration of Professional Footballers to Poland's Ekstraklasa. *International Review for the Sociology of Sport*, 48(6), 736-750. <https://doi.org/10.1177/1012690212446472>
27. Elliott, R., & Maguire, J. (2008). Thinking Outside of the Box: Exploring a Conceptual Synthesis for Research in the Area of Athletic Labor Migration. *Sociology of Sport Journal*, 25(4), 482-497. <https://doi.org/10.1123/ssj.25.4.482>
28. Esporte Interativo. (2016). *Éder Aleixo comenta invasão de estrangeiros no futebol brasileiro* [Video]. DailyMotion. <https://www.dailymotion.com/video/x3wgiou>

29. Falcous, M., & Maguire, J. (2005). Globetrotters and Local Heroes? Labor Migration, Basketball, and Local Identities. *Sociology of Sport Journal*, 22(2), 137-157. <https://doi.org/10.1123/ssj.22.2.137>
30. FIFA. (2019). *Latest Men's World Ranking*. <https://inside.fifa.com/fifa-world-ranking/men?dateId=id12770>
31. Filho, M. (2003). *O Negro no Futebol Brasileiro*. Mauad.
32. Franco Júnior, H. (2013). Brasil, país do futebol? *Revista USP*, (99), 45-56. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i99p45-56>
33. Franzini, F. (2000). *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://repositorio.usp.br/item/001105222>
34. Freitas, G. D. S., Silva, D. V. D., & Rigo, L. C. (2012). Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. *Revista da Educação Física/UEM*, 23(3), 457-468. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i3.15381>
35. Freyre, G. (1936). *Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*. Companhia Editora Nacional. <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/146>
36. Freyre, G. (1947). Prefácio. Em M. Filho, *O Negro no Football Brasileiro*. Irmão Pongetti Editores.
37. Garganta, J., & Gréhaigne, J. F. (1999). Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade? *Movimento*, 5(10), 40-50. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2457>
38. Gastaldo, É. (2009). "O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. *Sociologias*, (22), 353-369. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222009000200013>
39. Giddens, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. UNESP.
40. Giddens, A. (2008). *Sociología*. Alianza editorial.
41. Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Editora Atlas.
42. Gonçalves, E. (2013, 2 de agosto). Brasil é o sexto maior mercado entre as maiores ligas do futebol mundial. *Globo*

Esporte. <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronico-esportivo/2013/08/02/brasil-e-o-sexto-maior-mercado-do-futebol-mundial/>

43. Gratton, C., & Jones, I. (2010). *Research Methods for Sports Studies*. Routledge.
44. Helal, R. (2011). Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. *Comunicação Mídia e Consumo*, 8(21), 11-37. <https://doi.org/10.18568/cmc.v8i21.208>
45. Helal, R., & Gordon Junior, C. (2001). Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. Em R. Helal, A. J. G. Soares, & H. Lovisolo, *A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça E Idolatria* (pp. 51-76). Mauad.
46. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). *Práticas de esporte e atividade física 2015*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>
47. Jannuzzi, P. M. (2002). Considerações sobre o uso, mau uso e abuso dos indicadores sociais na formulação e avaliação de políticas públicas municipais. *Revista de Administração Pública*, 36(1), 51-72. <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6427>
48. Lance. (2020, 26 de setembro). Com seis estrangeiros, Corinthians terá de abrir mão de um por partida. <https://www.lance.com.br/corinthians/com-seis-estrangeiros-tera-abrir-mao-por-partida.html>
49. Lee, S. (2010). Global Outsourcing: A Different Approach to an Understanding of Sport Labour Migration. *Global Business Review*, 11(2), 153-165. <https://doi.org/10.1177/097215091001100203>
50. Leister Filho, A., & Oliveira, I. (2020, 25 de agosto). Número de jogadores estrangeiros no Brasileiro tem queda de 25,3%. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/numero-de-jogadores-estrangeiros-no-brasileirao-tem-queda-de-25-3/>
51. Madichie, N. (2009). Management Implications of Foreign Players in the English Premiership League Football. *Management Decision*, 47(1), 24-50. <https://doi.org/10.1108/00251740910929687>

52. Magee, J., & Sugden, J. (2002). "The World at Their Feet" Professional Football and International Labor Migration. *Journal of Sport and Social Issues*, 26(4), 421-437. <https://doi.org/10.1177/0193732502238257>
53. Maguire, J. (1994). Preliminary Observations on Globalisation and the Migration of Sport Labour. *The Sociological Review*, 42(3), 452-480. <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.1994.tb00097.x>
54. Maguire, J. (2004). Sport Labor Migration Research Revisited. *Journal of Sport and Social Issues*, 28(4), 477-482. <https://doi.org/10.1177/0193723504269914>
55. Maguire, J. (2013). Sport and Migration. Em I. Ness (Ed.), *The Encyclopedia of Global Human Migration*. John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781444351071.wbeghm513>
56. Maguire, J. (2016). Sociologia do esporte. Em M. Talbot, H. Haag, & K. Keskinen (Eds.), *Diretório da Ciência Desportiva* (6ª ed., pp. 115-122). ICSSPE.
57. Maguire, J. (Ed.). (2014). *Social Sciences in Sport*. Human Kinetics.
58. Maguire, J., & Falcous, M. (2010). Introduction: Borders, Boundaries and Crossings: Sport, Migration, and Identities. Em J. Maguire, & M. Falcous (Eds.), *Sport and Migration: Borders, Boundaries and Crossings* (pp. 1-13). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203877319>
59. Maguire, J., & Pearton, R. (2000). Global Sport and the Migration Patterns of France '98 World Cup Finals Players: Some Preliminary Observations. *Soccer & Society*, 1(1), 175-189. <https://doi.org/10.1080/14660970008721257>
60. Maguire, J., & Stead, D. (1998). Border Crossings: Soccer Labour Migration and the European Union. *International Review for the Sociology of Sport*, 33(1), 59-73. <https://doi.org/10.1177/101269098033001005>
61. Njororai, W. W. S. (2012). Distance Running in Kenya: Athletics Labour Migration and its Consequences. *Leisure/Loisir*, 36(2), 187-209. <https://doi.org/10.1080/14927713.2012.729787>
62. Nunes, C. C., & Rocha, M. J. F. (2019). Processos migratórios e deslocamentos: o caso de atletas estrangeiros na maratona

- na de São Paulo. *Materiales para la Historia del Deporte*, (19), 27-45. https://polired.upm.es/index.php/materiales_historia_deporte/article/view/4013
63. Orłowski, J., Wicker, P., & Breuer, C. (2018). Labor Migration among Elite Sport Coaches: An Exploratory Study. *International Review for the Sociology of Sport*, 53(3), 335-349. <https://doi.org/10.1177/1012690216649778>
 64. Poli, R. (2006). Migrations and Trade of African Football Players: Historic, Geographical and Cultural Aspects. *Africa Spectrum*, 41(3), 393-414. <https://www.jstor.org/stable/40175150>
 65. Poli, R. (2007). Migrations de footballeurs et mondialisation: du système-monde aux réseaux sociaux. *M@ppemonde*, (88). <https://mappemonde-archive.mgm.fr/num16/articles/art07401.html>
 66. Poli, R., & Besson, R. (2011). From the South to Europe: A Comparative Analysis of African and Latin American Football Migration. Em J. Maguire, & M. Faloutsos (Eds.), *Sport and Migration: Borders, Boundaries and Crossings* (pp. 15-30). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203877319>
 67. Pontes, V. S., de Vasconcellos Ribeiro, C. H., Garcia, R. M., & Pereira, E. G. B. (2018). Migração no voleibol brasileiro: a perspectiva de atletas e treinadores de alto rendimento. *Movimento*, 24(1), 187-198. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.66495>
 68. Ravenel, L. (1998). *La géographie du football en France*. PUF.
 69. Rego, J. L. (2013). *Flamengo é Puro Amor*. José Olympio.
 70. Rial, C. (2008). Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, 14(30), 21-65. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>
 71. Ribeiro, C. H. V., & Dimeo, P. (2009). The Experience of Migration for Brazilian Football Players. *Sport in Society*, 12(6), 725-736. <https://doi.org/10.1080/17430430902944159>
 72. Rinaldi, W. (2000). Futebol: manifestação cultural e ideologização. *Revista da Educação Física*, 11(1), 167-172. https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/231318_3804-10687-1-PB.pdf

73. Rodrigues, F. X. F. (2004). Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, (11), 260-299. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222004000100012>
74. Rojo, J. R. (2020). *Sports Migration: Analysis of African Road Runners in Brazil* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.34770.27844>
75. Rojo, J. R., Brasil, M. R., & Starepravo, F. A. (2023). Para o outro lado da rede: a migração de jogadores de voleibol para o Brasil. *Esporte e Sociedade*, (38), 1-18. <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/57187>
76. Rojo, J. R., Marques, R. F. R., & Starepravo, F. A. (2022). A Systematic Review of Research on Sport Migration. *Migration and Diversity*, 1(1), 58-74. <https://doi.org/10.33182/md.v1i1.2847>
77. Rojo, J. R., Simiyu, W. W. N., & Starepravo, F. A. (2020). Research on Sports Migration: An Analysis of Methodological Procedures. *Journal of Physical Education and Sport*, 20(2), 546-553. <http://dx.doi.org/10.7752/jpes.2020.02081>
78. Rojo, J. R., Souza, J., & Starepravo, F. A. (2023). Dimensões da migração esportiva: aportes para um modelo reflexivo. *Movimento*, 29, 1-20. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.129350>
79. Santos, A. C. (2004). Bola Horizonte: A Copa do Mundo de Futebol (1950) e a cidade. Monografia (Programa de Aprimoramento Discente - História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte.
80. Santos, A. C. (2005). A Copa do Mundo no Brasil (1950): Belo Horizonte e o ideal de cidade almejado para encantar os estrangeiros. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, (86). <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1197180>
81. Schatz, P. V. (2020). Estratégias chinesas no mercado do futebol mundial. *Formação*, 27(51), 3-32. <https://doi.org/10.33081/formacao.v27i51.6608>
82. Soares, A. J. (2001). História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. Em R. Helal, A. J. G. Soares, & H. Lovisolo, *A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça E Idolatria* (pp. 13-50). Mauad.

83. Szeremeta, T. P., de Barros Gonçalves, C. E., Capraro, A. M., Silva, C. L., & Cavichioli, F. R. (2015). O talento no futebol na perspectiva da bibliografia brasileira. *Pensar a Prática*, 18(2), 472-486. <https://doi.org/10.5216/rpp.v18i2.33135>
84. Taylor, M. (2006). Global Players? Football, Migration and Globalization, c. 1930-2000. *Historical Social Research*, 31(1), 7-30. <https://www.jstor.org/stable/20762099>
85. UOL. (2016, 14 de março). *CBF divulga novo regulamento que pune "transferência ponte"*. <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2016/03/14/cbf-divulga-novo-regulamento-que-pune-transferencia-ponte.htm>